

## **O PENSAMENTO POÉTICO DA ENERGIA EM CHARLES BAUDELAIRE**

### **THE POETIC THINKING OF ENERGY IN CHARLES BAUDELAIRE**

**Paula Glenadel<sup>1</sup>**

**Resumo:** Proponho, nesta breve reflexão, que boa parte do caráter inapelavelmente atual da obra de Charles Baudelaire se deve a uma singular associação feita pelo poeta francês entre os temas da energia e da poesia, projetada na tensão entre inclusão e exclusão sociais. Alguns poemas de *Les Fleurs du mal* serão postos em diálogo com propostas de Georges Bataille, de modo a explorar essa visão da energia que indica, pela *mise en scène* do dispêndio e seus desdobramentos, a importância da reflexão sobre a potência como passo necessário à desconstrução da visão “oficial” do poeta-em-sociedade, arauto dos valores da mentalidade da produtividade capitalista em expansão. Essa desconstrução, articulada através de imagens dialéticas com força de presente, revela sua pertinência para nossa atualidade recente, quando o trabalho no campo das assim chamadas humanidades, que inclui a literatura e seus arredores, se depara com o retorno periódico de fluxos conservadores e com a desvalorização de seus resultados diante de uma noção de produtividade unilateralmente determinada a partir do ponto de vista da acumulação mais grosseira.

**Palavras-chave:** poesia francesa; Modernidade; energia.

**Abstract:** I propose, in this brief reflection, that a good part of the unavoidably current character of Charles Baudelaire’s work is due to a singular association made by the French poet between the themes of energy and poetry, projected in the tension between social inclusion and exclusion. Some poems from *Les fleurs du mal* will be put in dialogue with proposals by Georges Bataille, in order to explore this vision of energy that indicates, through the *mise en scène* of expenditure and its consequences, the importance of reflection on potency as a necessary step to the deconstruction of the “official” vision of the poet-

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Universidade Federal Fluminense; pesquisadora do CNPq: paulaglenadel@id.uff.br.

in-society, herald of the values of the expanding capitalist productivity mentality. This deconstruction, articulated through dialectical images with force of present, reveals its relevance to our recent present, when work in the field of the so-called humanities, which includes literature and its surroundings, is faced with the periodic return of conservative flows and with the devaluation of its results in the face of a unilaterally determined notion of productivity from the point of view of the grossest accumulation.

**Keywords:** French poetry; Modernity; Energy.

No contexto poético da modernidade francesa, é grande a relevância da ideia de *energia* para expressar a ambição social do poeta de revestir de prestígio o seu trabalho, através da identificação com o que se poderia chamar de uma “ideologia do *ato*” – este, entendido como atributo divino compartilhado pelo vate que se entroniza no Verbo, tal como no paradigma romântico por excelência, do qual Victor Hugo é um exemplo bastante representativo. Contudo, ainda no âmbito dessa tradição, trabalhos paradoxais como o de Charles Baudelaire já se inscrevem em contraposição a essa visão da energia, indicando, pela *mise en scène* do dispêndio e seus desdobramentos, a importância da reflexão sobre a *potência* como via de despojamento necessária à desconstrução da visão “oficial” do poeta-em-sociedade, arauto dos valores da mentalidade da produtividade capitalista em expansão.<sup>2</sup>

Proponho, assim, nesta breve reflexão, que boa parte do caráter inapelavelmente atual da obra de Charles Baudelaire se deve a uma singular associação feita pelo poeta francês entre os temas da *energia* e da *poesia*, projetada na tensão entre inclusão e exclusão sociais para *interpretá-las*, no sentido apontado por Marcos Siscar (2019, p. 44), quando, revisitando a crítica sobre a obra daquele poeta, questiona a “associação mecânica” entre autor histórico e sujeito poético e reivindica para o poeta “a possibilidade de *interpretar* (e não apenas de *fornecer indícios* sobre) o sentido de seu contemporâneo”.

E começo este meu percurso através de alguns poemas de Baudelaire<sup>3</sup> que trazem um pensamento sobre a energia por dois “Crepúsculos”, o da tarde e o da manhã. Embora esses poemas não mencionem explicitamente

---

2 Remeto aqui o leitor a meu artigo (Glenadel, 2019), em que estudo alguns valores da noção de *energia* na tradição filosófica e em seus desdobramentos na poesia francesa do século XIX.

3 Que serão citados na versão original seguida pela tradução das *Flores do mal* realizada por Júlio Castañon Guimarães (edição bilíngue, 2019), exceto quando eu quiser insistir sobre algum aspecto mais literal do texto original e apresentar pontualmente uma tradução alternativa.

o tema da energia, à diferença de outros poemas de Baudelaire, a questão aparece neles pelo viés de uma reflexão sobre o trabalho e o repouso, o dia e a noite. Eis o primeiro poema:

### **Le Crépuscule du soir**

Voici le soir charmant, ami du criminel ;  
Il vient comme un complice, à pas de loup ; - le ciel  
Se ferme lentement comme une grande alcôve,  
Et l'homme impatient se change en bête fauve.

Ô soir, aimable soir, désiré par celui  
Dont les bras, sans mentir, peuvent dire : Aujourd'hui  
Nous avons travaillé ! - C'est le soir qui soulage  
Les esprits que dévore une douleur sauvage,  
Le savant obstiné dont le front s'alourdit,  
Et l'ouvrier courbé qui regagne son lit.  
Cependant des démons malsains dans l'atmosphère  
S'éveillent lourdement, comme des gens d'affaire,  
Et cognent en volant les volets et l'auvent.  
À travers les lueurs que tourmente le vent  
La Prostitution s'allume dans les rues ;  
Comme une fourmilière elle ouvre ses issues ;  
Partout elle se fraye un occulte chemin,  
Ainsi que l'ennemi qui tente un coup de main ;  
Elle remue au sein de la cité de fange  
Comme un ver qui dérobe à l'Homme ce qu'il mange.  
On entend çà et là les cuisines siffler,  
Les théâtres glapir, les orchestres ronfler ;  
Les tables d'hôte, dont le jeu fait les délices,  
S'emplissent de catins et d'escrocs, leurs complices,  
Et les voleurs, qui n'ont ni trêve ni merci,  
Vont bientôt commencer leur travail, eux aussi,  
Et forcer doucement les portes et les caisses  
Pour vivre quelques jours et vêtir leurs maîtresses.

Recueille-toi, mon âme, en ce grave moment,  
Et ferme ton oreille à ce rugissement.  
C'est l'heure où les douleurs des malades s'aigrissent !  
La sombre Nuit les prend à la gorge ; - ils finissent  
Leur destinée et vont vers le gouffre commun ;  
L'hôpital se remplit de leurs soupirs. - Plus d'un  
Ne viendra plus chercher la soupe parfumée,  
Au coin du feu, le soir, auprès d'une âme aimée.

Encore la plupart n'ont-ils jamais connu  
La douceur du foyer et n'ont jamais vécu!  
(Baudelaire, 2019, pp. 300 e 302)

## O crepúsculo da tarde

A encantadora noite, aliada ao criminoso,  
Vem sutil, como um cúmplice silencioso;  
Fecha-se, como grande alcova, lentamente,  
E em fera se transforma o homem impaciente.

Ó noite, noite tão desejada por quem  
Cujos braços conseguem até dizer sem  
Mentir: Nós trabalhamos hoje! – E a noite afaga  
Os espíritos que uma dor selvagem traga,  
O sábio de cabeça pesada e obstinado,  
O operário que volta à sua cama encurvado.  
Pelos ares, porém, demônios repugnantes  
Pesadamente acordam, como negociantes,  
E ao voar vão as janelas e toldos golpeando.  
Sob os clarões que o vento vai atormentando,  
A Prostituição se acende pelas ruas;  
Tal como um formigueiro, vai abrindo suas  
Saídas; vai traçando um caminho escondido,  
Assim como o inimigo dá um golpe atrevido;  
Ela se move pela cidade enlameada  
– Verme, cuja comida ao Homem é roubada.  
Ouvem-se aqui e ali cozinhas apitando,  
Teatros esganiçando, orquestras estrondeando;  
Com o jogo solto, os bares ficam apinhados  
De putas e embusteiros, seus associados,  
E os ladrões, que não dão trégua nem têm piedade,  
Recomeçam, também eles, sua atividade,  
E vão portas e caixas forçar, vigilantes,  
Para viver uns dias e vestir amantes.

Recolhe-te, alma, neste tão grave momento,  
E fecha teu ouvido a este rouco lamento.  
É nessa hora que as dores dos doentes se agravam!  
A Noite os pega pela garganta; acabam  
O seu destino e vão para o abismo comum;  
De seus suspiros enche-se o hospital. – Mais de um  
Não virá mais buscar a sopa perfumada,  
À noite, no fogão, junto a uma alma amada.

A maioria deles jamais conheceu  
A doçura do lar e em tempo algum viveu!  
(Baudelaire, 2019, pp. 301 e 303)

E o segundo:

## Le Crépuscule du matin

La diane chantait dans les cours des casernes,  
Et le vent du matin soufflait sur les lanternes.  
C'était l'heure où l'essaim des rêves malfaisants  
Tord sur leurs oreillers les bruns adolescents ;  
Où, comme un œil sanglant qui palpète et qui bouge,  
La lampe sur le jour fait une tache rouge ;  
à l'âme, sous le poids du corps revêché et lourd,  
Imite les combats de la lampe et du jour.  
Comme un visage en pleurs que les brises essuient,  
L'air est plein du frisson des choses qui s'enfuient,  
Et l'homme est las d'écrire et la femme d'aimer.

Les maisons çà et là commençaient à fumer.  
Les femmes de plaisir, la paupière livide,  
Bouche ouverte, dormaient de leur sommeil stupide ;  
Les pauvresses, traînant leurs seins maigres et froids,  
Soufflaient sur leurs tisons et soufflaient sur leurs doigts.  
C'était l'heure où parmi le froid et la lésine  
S'aggravaient les douleurs des femmes en gésine ;  
Comme un sanglot coupé par un sang écumeux  
Le chant du coq au loin déchirait l'air brumeux,  
Une mer de brouillards baignait les édifices,  
Et les agonisants dans le fond des hospices  
Poussaient leur dernier râle en hoquets inégaux.  
Les débauchés rentraient, brisés par leurs travaux.

L'aurore grelottante en robe rose et verte  
S'avavançait lentement sur la Seine déserte,  
Et le sombre Paris, en se frottant les yeux,  
Empoignait ses outils, – vieillard laborieux !  
(Baudelaire, 2019, pp. 330 e 332)

## O crepúsculo da manhã

A alvorada ressoava em pátios de casernas,  
E o vento da manhã soprava nas lanternas.

Era a hora em que o enxame de sonhos frementes  
Retorce em suas camas os adolescentes  
Morenos; em que, olho em sangue que palpita,  
A lâmpada é uma mancha rubra inscrita  
No dia; e em que a alma sob o corpo em rebeldia  
Imita embates entre a lâmpada e o dia.  
Tal rosto cujo pranto as brisas secam, o ar  
Enche-se com o fremir das coisas a escapar  
– A escrita cansa o homem, e o amor, a mulher.

Há casas com fumaça já a se desprender.  
Mulheres fáceis, com a pálpebra desmaiada,

Dormiam sono idiota, a boca arreganhada;  
As pobres, arrastando seios magros, frios,  
Assopravam tições e as mãos em calafrios.  
Era esta a hora em que entre frio e privação  
As dores das que vão parir se agravarão;  
Tal soluçar cortado por sangue escumoso,  
Longe o canto do galo rasgava o ar brumoso;  
Num mar de cerração os prédios se banhavam;  
Moribundos, no fundo de hospitais, soltavam  
Soluços desiguais, derradeiro estertor.  
Os farristas voltavam de um duro labor.

A aurora tiritante, em traje verde e rosa,  
Sobre o Sena deserto avançava morosa:  
Paris, esfregando o olho, ainda na escuridão  
Já empunha os apetrechos, operoso ancião.  
(Baudelaire, 2019, pp. 331 e 333)

Os dois poemas, integrantes da seção “Quadros parisienses” das *Flores do mal*, constroem-se em torno de momentos de incerteza, de passagem, de indecidibilidade entre luz e escuridão, e são apenas parcialmente simétricos, como um par de esculturas ou de pinturas. Desses poemas se depreende uma perspectiva (*hipermoral*, como se verá mais adiante) que os alinha em uma espécie de ciclo, mas não perfeitamente circular, um ciclo dissimétrico, marcado pelo ritmo de uma reflexão sobre o cotidiano da cidade pulsando entre fluxos de acumulação e de dilapidação da riqueza acumulada, e sobre a existência humana que se agita em seus extremos, entre saúde e doença, nascimento e morte.

Essa reflexão é alegórica em ambos os poemas, porém o é mais marcadamente no segundo. No primeiro “Crepúsculo”, “a (sombria) Noite” compõe uma alegoria, digamos, incipiente, quando, personificada, pega os doentes “pela garganta”, assimilando-se à morte que os lança no “abismo comum”. No segundo e talvez mais perturbador “Crepúsculo da manhã” (pois, apesar de absolutamente exata, a expressão soa mais incomum e quase oximórica em relação ao uso corrente),<sup>4</sup> a alegoria já mais desenvolvida da “aurora tiritante, em traje verde e rosa” que “[s]

---

4 Analisando um outro crepúsculo baudelairiano, o poema em prosa “O crepúsculo do entardecer”, sob o prisma da interdependência entre consonância e dissonância, Joseph Acquistio (2022, p. 7) observa, a partir do *incipit* do poema (“O dia cai.”), que “[o] dia ‘cai’ apenas figurativamente; falar do dia nesses termos impõe uma categoria humana a uma construção temporal sobre a qual não se poderia dizer literalmente ‘cai’. Também não devemos esquecer que, no caso da ideia de cair, o dia equivale à noite que, também, pode ‘cair’, o que reduz a oposição entre dia e noite a uma semelhança. Essa eliminação da

obre o Sena deserto avançava morosa” é redobrada por aquela que traz “o (sombrio) Paris” personificado como velhote laborioso ou “operoso ancião”,<sup>5</sup> quando ele desperta, esfregando os olhos, e vai pegar seus “apetrechos” de trabalho.

Cabe evocar, quanto a essa cena, a relação alegórica instituída em muitas cenas tradicionais de natureza morta com os mais diversos instrumentos, de música, de pintura, de escultura, de geometria, bem como os utensílios de cozinha ou de barbeiro, dentre muitas outras possibilidades, segundo a lógica ambivalente desse gênero pictórico que tanto celebra os bens terrenos e a cultura humana quanto prenuncia a morte universal por vir. Referindo-se mais propriamente ao drama trágico alemão, Walter Benjamin (2011, p. 250, grifos meus) fala dessa ambivalência, a seu modo teórico que combina o teológico e o profano: “Querer separar o tesouro de imagens com as quais se dá a reviravolta no sentido do paraíso da redenção daquele outro, *sombrio*, que significa morte e inferno, seria desconhecer totalmente a essência do alegórico”.

Nos dois “Crepúsculos”, de fato, a morte se apresenta perto do final do poema, trazida pelo cair da noite, mas também, de modo semelhante, pela alvorada, e prepara o momento de interrupção do texto, num movimento ziguezagueante entre redenção e inferno – sendo impossível aqui significar, segundo preconizaria uma lógica metafórica unívoca e já bastante desgastada, que o horror criminoso da noite é expulso pela tranquilidade operosa do dia. Pois o “sombrio” e laborioso ancião Paris ecoa a perspectiva do “esqueleto lavrador” munido de uma pá, observado em pranchas de anatomia perdidas em sebos da cidade, no qual Baudelaire projeta a visão de uma repetição propriamente infernal do trabalho, o emblema de um destino temido, sobre cujo sentido ele se interroga:

### **Le Squelette laboureur**

[...]

Voulez-vous (d'un destin trop dur  
Épouvantable et clair emblème !)  
Montrer que dans la fosse même  
Le sommeil promis n'est pas sûr ;

---

oposição também é vista na própria palavra ‘crepúsculo’, que evoca o tempo pouco anterior ao amanhecer ou ao anoitecer”.

5 “Operoso” na tradução de Castañon, escolha tradutória que introduz de modo bem interessante a ideia de *obra*, embora, por outro lado, tenha omitido os adjetivos “sombria” e “sombrio” presentes nos dois poemas, que reforçam sua afinidade e introduzem uma noção disfórica, como a ecoar no trecho de Benjamin citado.

Qu'envers nous le Néant est traître ;  
Que tout, même la Mort, nous ment,  
Et que sempiternellement,  
Hélas ! il nous faudra peut-être

Dans quelque pays inconnu  
Écorcher la terre revêche  
Et pousser une lourde bêche  
Sous notre pied sanglant et nu ?  
(Baudelaire, 2019, p. 298)

### **O esqueleto lavrador**

[...]  
Quereis mostrar (de fado incerto  
Emblema atroz e desabrido!)  
Que até na fossa o prometido  
Sono não tem nada de certo;

Que conosco o Nada é traidor;  
Que tudo até a Morte, nos mente,  
E que a nós, sempiternamente,  
Caberá talvez o rigor

De em algum ignoto lugar  
esfolar a terra agastada  
e empurrar uma pá pesada  
sob nosso pé nu a sangrar?  
(Baudelaire, 2019, p. 299)

Por sua vez, “Crepúsculo da tarde” mostra o repouso dos trabalhadores honestos, em contraposição à desonesta atividade noturna do homem-predador (a quem se atribui a característica de “fera”, que na expressão original “à pas de loup”, significando “sorratamente”, é ainda reforçada pelo termo “lobo”), atividade já aqui no poema descrita irônica e radicalmente como “trabalho” [travail] (que Castañon traduz por “atividade”) dos ladrões. O segundo poema, “Crepúsculo da manhã”, vem consolidar o questionamento: ao colocar em cena, além do cansaço das mulheres fáceis que trabalharam no “prazer” [femmes de plaisir], aqueles que trabalharam na “farrá” [débauchés] por toda a noite, Baudelaire inverte a visão tradicional, majoritária, de uma antítese ferrenha entre os trabalhadores (ainda que do roubo e da prostituição) e os farristas, ociosos voluptuosos que, em seu dizer, “voltam de um duro labor [leurs travaux]”. O uso insistente de um único tempo verbal, o pretérito imperfeito martelado em “Crepúsculo da manhã” (diferentemente do “Crepúsculo



da tarde”, em que há a predominância do presente, mas acompanhado de alguns futuros e pretéritos perfeitos), também dá uma outra modulação à cena do poema, que ganha uma espécie de duração imobilizada do tempo, como se vê sobretudo nas frases “Era a hora em que...” / “em que...” / “em que...”, que marcam a segunda estrofe e retornam na terceira.

É interessante observar que em ambos os poemas aparece a figura do estudioso ou do escritor, “o sábio de cabeça pesada e obstinado” no “Crepúsculo da tarde” e o “homem cansado de escrever” no “Crepúsculo da manhã”, como figuras criadas pelo poeta para inserir algo de sua própria experiência no poema (ainda que não se saiba em que medida o estudioso poderia realmente corresponder a uma figura do poeta, o que não é o caso para o homem que escreve, imagem decididamente mais próxima dessa experiência). Sobre esse tema, remeto aqui à análise feita por Marcelo Jacques de Moraes (2017, p. 19) sobre o poema “O mau monge”, um outro figurante do poeta em sua batalha pela energia de escrever, texto em que se lê, entre outras propostas de interpretação da cena monástica montada no poema, que “[à] Morte como transcendência incorporada à existência, celebrada na dinâmica de uma vida comunitária, contrapõe-se então a morte em vida do indivíduo, confinado nos limites da sua própria experiência”. O estudo também enfatiza o aspecto de “eterno retorno reforçado ainda pelo uso do imperfeito” (p. 19) nesse poema.

Nos “Crepúsculos”, como uma pequena nuance que talvez tenha grande importância, o estudioso faz parte do grupo dos que veem a noite como descanso (no “da tarde”), e o homem que escreve está cansado de trabalhar durante a noite (no “da manhã”), pelo que é assimilado à mulher cansada de fazer amor, aproximando-se do campo dos “farristas”. Nessa última aproximação surge, aliás, uma possibilidade de avançar na interpretação do poema em prosa “Embriagai-vos”, no qual essa máxima, esse imperativo baudelairiano, poderia ser entendido como uma redefinição da noção de trabalho. A conhecida fórmula recomenda a embriaguez “de vinho, de poesia, ou de virtude, *como achardes melhor*” (Baudelaire, 1995, p. 322, grifos meus). Ela remete, desse modo, tanto ao trabalho do poeta, quanto ao aspecto de uma peculiar “indiferença” moral, como apontado por Susana Scramim (2008, p. 317) na sua leitura de Marcos Siscar, cuja poesia, de matiz baudelairiano,

[...] é crítica porque toma para si o lugar da outra metade da arte, mas nesse lugar são postas em cena imagens dedicadas a uma ética cujo fundamento não está na instituição de um novo moralismo, mas paradoxalmente, está na

retomada de uma moral muito rígida, uma indiferença para com o que é imoral bem como para o que é moral, porque pouco efetivos.

É em um sentido muito próximo a essa observação que o pensador e escritor Georges Bataille (1979, p. 171, minha tradução) utiliza o termo “hipermoral” no seu prefácio a *La Littérature et le mal*: “A literatura é o essencial, ou não é nada. O mal – uma forma aguda do Mal – de que ela é a expressão, tem para nós, creio, o valor soberano. Mas essa concepção não comanda a ausência de moral, ela exige uma ‘hipermoral’”. A perspectiva hipermoral seria, assim, aquela que detecta os fluxos de energia sem qualificá-los ou hierarquizá-los, instalando-se na indiferença moral que alimenta a sua dialética “força de presente, ou seja, força para inverter a direção do nosso olhar e fazê-lo enxergar o que da coisa nos observa” (Scramim, 2008, pp. 319-320).

Essa perspectiva atravessa toda a produção poética baudelairiana, uma das escritas tomadas por Bataille para desenvolver o seu conceito do mal em literatura, que envolve práticas socialmente condenáveis como a improdutividade, a inutilidade, o isolamento social e a frequência das classes baixas e dos “bas-fonds”. Desse modo, o mal em Baudelaire aparece sobretudo como um *desvio* do trabalho, isto é, ao mesmo tempo um gesto de *esquivar-se* ao trabalho tal como concebido pela sua sociedade e um movimento de *sequestro* dessa energia ociosa<sup>6</sup> para investi-la em algo que se apresenta como o paradoxo de um trabalho “inútil”, um *trabalho poético* marcado pela noção de dispêndio.

A grande contribuição da poesia baudelairiana estaria, portanto, na elaboração de um pensamento poético afinado com o estudo sobre “o movimento da energia sobre a terra” proposto por Bataille que, em *A parte maldita – precedida de “A noção de dispêndio”* (livro coincidentemente também traduzido por Júlio Castañon), aponta o sentido econômico profundo da cultura humana e o impasse de qualquer ciência que não o leve em consideração:

O livro está aí, mas no momento de escrever seu prefácio não posso sequer pedir para ele a atenção dos especialistas de uma ciência. Esse primeiro ensaio [“A noção de dispêndio”] aborda, fora das disciplinas particulares, um problema que ainda não foi colocado como deve sê-lo, como consequência daqueles que

---

<sup>6</sup> Energia assim descrita no poema em prosa “O mau vidraceiro”: “É uma espécie de energia que brota do devaneio e do tédio; e aqueles em quem ela se manifesta de maneira tão inopinada são, em geral, como já o disse, os mais indolentes e os mais sonhadores entre os seres” (Baudelaire, 1995, p. 25).

são colocados por cada disciplina que tem em vista o movimento da energia sobre a terra – da física do globo à economia política, através da sociologia, da história e da biologia. Nem a psicologia, nem geralmente a filosofia podem, por outro lado, ser tidas como independentes dessa questão primeira da economia. Mesmo o que pode ser dito da arte, da literatura, da poesia, tem grande relação com o movimento que estudo: o da energia excedente, traduzido na efervescência da vida (Bataille, 2013, pp. 37-38).

Nesse sentido, seria possível reler o poema “O sol” de Baudelaire em termos bataillianos, pois, segundo este pensador, como figurante máximo do princípio de dispêndio, “[o] sol dá sem nunca receber” (Bataille, 2013, p. 50). Esse poema também está inserido nos “Quadros parisienses”, mas, à diferença da imprecisão crepuscular que vínhamos encontrando, se instala sob o sol pleno, “cruel”, e não deixa de prestar homenagem, através da comparação “tal como os poetas”,<sup>7</sup> a uma figura romântica, prestigiosa, de poeta-pai-útil à sociedade bem ao gosto de Victor Hugo,<sup>8</sup> embora lhe contraponha a “singular esgrima” de um tipo de poeta bem mais excêntrico que, praticando sozinho, “tropeça” e “esbarra” em palavras e rimas ao acaso. No poema assoma um dispêndio generalizado, que desfaz o circuito da acumulação, produtor de miséria e de exclusão, pois distribui indistintamente os seus energéticos benefícios a todos e faz vacilar a distinção entre campo e cidade, entre palácios e subúrbios, entre humanos, animais e vegetais.

### Le Soleil

Le long du vieux faubourg, où pendent aux mesures  
Les persiennes, abri des secrètes luxures,  
Quand le soleil cruel frappe à traits redoublés  
Sur la ville et les champs, sur les toits et les blés,  
Je vais m'exercer seul à ma fantasque escrime,  
Flairant dans tous les coins les hasards de la rime,  
Trébuchant sur les mots comme sur les pavés  
Heurtant parfois des vers depuis longtemps rêvés.

Ce père nourricier, ennemi des chloroses,  
Eveille dans les champs les vers comme les roses ;  
Il fait s'évaporer les soucis vers le ciel,  
Et remplit les cerveaux et les ruches de miel.  
C'est lui qui rajeunit les porteurs de béquilles  
Et les rend gais et doux comme des jeunes filles,

---

<sup>7</sup> Castañon coloca no plural a palavra, que Baudelaire emprega no singular.

<sup>8</sup> Dedicatário, aliás, como se sabe, de três poemas dos “Quadros parisienses”: “O cisne”, “Os sete velhos” e “As velhinhas”.

Et commande aux moissons de croître et de mûrir  
Dans le cœur immortel qui toujours veut fleurir !

Quand, ainsi qu'un poète, il descend dans les villes,  
Il ennoblit le sort des choses les plus viles,  
Et s'introduit en roi, sans bruit et sans valets,  
Dans tous les hôpitaux et dans tous les palais.  
(Baudelaire, 2019, p. 264)

### O sol

Pelos velhos subúrbios onde nas moradas  
Persianas acobertam lascívias veladas,  
Quando o sol, cruel, castiga violento demais,  
Na cidade e nos campos, tetos e trigais,  
Vou, só, praticar minha singular esgrima,  
A farejar em tudo os acasos da rima,  
Tropeçando em palavras como num passeio,  
Esbarrando nuns versos buscados com anseio.

Avesse às cloroses, o pai provedor  
Desperta pelos campos o verme e a flor;  
Dissipa as aflições em direção ao céu,  
As colmeias e os cérebros enche de mel.  
Os que andam de muletas é ele que os refaz,  
E alegres, gentis como as meninas, os faz,  
E às plantações ordena amadurecer  
No imortal coração que só quer florescer!

Quando vai às cidades, tal como os poetas,  
Enobrece o destino de coisas abjetas,  
E entra como rei, sem ruído e sem serviçais,  
Em todos os palácios e nos hospitais.  
(Baudelaire, 2019, p. 265)

Outro poema “hipermoral” de Baudelaire, “Castigo do orgulho”,<sup>9</sup> vai encenar a relação com a energia e o dispêndio de modo semelhante a “O mau monge” e, como este, encontra-se na seção “Spleen e ideal” das *Flores do mal*, enfatizando o aspecto do saber como acumulação.

### Châtiment de l'orgueil

En ces temps merveilleux où la Théologie  
Fleurit avec le plus de sève et d'énergie  
On raconte qu'un jour un docteur des plus grands,  
– Après avoir forcé les cœurs indifférents ;  
Les avoir remués dans leurs profondeurs noires ;

---

<sup>9</sup> Trato um pouco mais detalhadamente desse poema em meu artigo aludido na nota 2.

Après avoir franchi vers les célestes gloires  
Des chemins singuliers à lui-même inconnus,  
Où les purs Esprits seuls peut-être étaient venus, –  
Comme un homme monté trop haut, pris de panique,  
S'écria, transporté d'un orgueil satanique :  
« Jésus, petit Jésus ! je t'ai poussé bien haut !  
Mais, si j'avais voulu t'attaquer au défaut  
De l'armure, ta honte égalerait ta gloire,  
Et tu ne serais plus qu'un fœtus dérisoire ! »

Immédiatement sa raison s'en alla.  
L'éclat de ce soleil d'un crêpe se voila ;  
Tout le chaos roula dans cette intelligence,  
Temple autrefois vivant, plein d'ordre et d'opulence,  
Sous les plafonds duquel tant de pompe avait lui.  
Le silence et la nuit s'installèrent en lui,  
Comme dans un caveau dont la clef est perdue.  
Dès lors il fut semblable aux bêtes de la rue,  
Et, quand il s'en allait sans rien voir, à travers  
Les champs, sans distinguer les étés des hivers,  
Sale, inutile et laid comme une chose usée,  
Il faisait des enfants la joie et la risée.  
(Baudelaire, 2019, p. 70)

### **Castigo do orgulho**

Nesses dias notáveis em que a Teologia  
Florescia com toda sua seiva e energia,  
Diz-se que um doutor desses dos mais eminentes  
– Depois de constranger almas indiferentes;  
De as ter em seus abismos negros revolvido;  
De ter, em rumo às glórias celestes, seguido  
Caminhos incomuns que ele desconhecia,  
Onde talvez só um puro Espírito iria –,  
Como num ponto muito alto um homem em pânico,  
Ele exclamou, tomado de orgulho satânico:  
“Meu menino Jesus, alcei-te a grande altura!  
Mas quisesse atacar-te a falha da armadura,  
Tua vergonha se iria pôr no mesmo nível  
De tua glória, e serias só um feto risível!”

Subitamente sua razão se retirou.  
De crepe revestiu-se o brilho desse sol;  
Todo o caos remoinhou por essa inteligência,  
Templo que já foi vivo, com ordem e opulência,  
E onde já tanta pompa havia reluzido.  
Ao silêncio e à noite se viu reduzido,  
Como num porão cuja chave se perdeu.  
Ele se parecia com animais ao léu,  
Nos ermos ia, já privado de visão,

Sem sequer distinguir entre inverno e verão,  
Inútil, sujo e feio como coisa usada,  
Provocando risadas entre a criançada.  
(Baudelaire, 2019, p. 71)

Podemos projetar no poema a reflexão econômica desenvolvida por Bataille em *A parte maldita*, em que ocorre o confronto da época atual com épocas passadas,<sup>10</sup> na forma da sociedade mexicana pré-colonial, cujos traços também se observam em relatos etnográficos sobre os povos indígenas do noroeste norte-americano (não sem semelhança com o confronto com um contexto medieval, um tempo apresentado como dotado de “energia” vicejante, praticado por Baudelaire em poemas como o do mau monge e o do doutor decaído). Após ter analisado os mecanismos de dispêndio naquelas sociedades, Bataille (2013, p. 85) conclui, então, que:

O verdadeiro luxo e o profundo *potlacht* de nossa época cabem ao miserável, àquele que se estende sobre a terra e despreza. Um luxo autêntico exige o desprezo total pelas riquezas, a sombria indiferença de quem recusa o trabalho e faz de sua vida, por um lado, um esplendor infinitamente arruinado e, por outro, um insulto silencioso à laboriosa mentira dos ricos.

Num movimento semelhante, no poema, um doutor “dos mais eminentes”, que através da sua rica “inteligência”, também evocada como o “sol” (da “sua razão”), traça um rumo ascendente, com destinação às “glórias celestes”, à “opulência”, à “pompa”, “subitamente” inverte o percurso e desce ao “silêncio” e à “noite”, passando de homem que atingiu um “ponto muito alto” a “animal” e “coisa gasta”, digna de risadas. O que o poema sugere, para além de uma moral tradicional de crime e castigo, é que o doutor, ao blasfemar orgulhosamente, realiza um gesto de *potlacht*, o dispêndio que afirma mais decisivamente o luxo de seu caminho “incomum”.

---

<sup>10</sup> Roland Barthes analisa o sentido de um certo anacronismo em Bataille, que ele compara com o de Friedrich Nietzsche, no sentido em que ambos buscam, através da Nostalgia, a depreciação de uma certa forma do presente e a exaltação de uma certa forma do passado, como reação ao achatamento dos valores: “nem esse presente nem esse passado são de fato históricos; eles se leem ambos segundo o movimento ambíguo, formal, de uma *decadência*. Nasce assim a possibilidade de uma nostalgia não reacionária, de uma nostalgia *progressista*. [...] É um tema simultaneamente histórico e ético: queda do mundo fora do trágico, ascensão da pequena burguesia, escrita sob a espécie de um *advento*: a revolução (em Marx) e o sobre-humano (em Nietzsche) são sacudidas vitais aplicadas ao achatamento; toda a heterologia de Bataille é da mesma ordem: elétrica” (Barthes, 1984, pp. 271-272, grifos do autor, tradução minha).

O fato de esses dois poemas “medievais” trazerem uma marca “moral” nos seus títulos, a marca da reprovação dos pecados capitais (o qualificativo “mau” aplicado ao monge por sua preguiça, a ideia de “castigo” do orgulho), só vem reforçar a dimensão crítica da obra do poeta, ao fazer dessas figuras caixas de ressonância de sua própria experiência “maldita”. Pois, de fato, como os poemas de Baudelaire em geral, em verso ou em prosa, eles também ressoam uma certa dose de simpatia (embora frequentemente suspensa por ironia ou por autoironia) pelos diabos (“O jogador generoso”, “As tentações ou Eros, Plutus e a glória”), pelos personagens decaídos e pecadores (“Mulheres condenadas”, “Don Juan nos infernos”), assim como pelos exilados (“O cisne”), ciganos (“Ciganos em viagem”) e saltimbancos (“O velho saltimbanco”), pelos “pobres mortos” (“A ama de alma boa...”), enfim, entre muitas outras figuras dissonantes ou subalternizadas em relação aos padrões da sociedade em que viveu.

De maneira muito interessante, o poeta Guillaume Apollinaire, em texto publicado originalmente como introdução a uma edição francesa de 1917 das *Flores do mal*, que foi incorporado como apêndice à edição das *Flores do mal* traduzidas por Castañón, refere-se à contribuição de Baudelaire para o espírito moderno. Apollinaire (2019, p. 620) coloca, nesse pequeno texto, Baudelaire como filho de Choderlos de Laclos e de Edgard Poe, “mas filho a quem “a Razão [...] cegou e [...] abandonou assim que ele atingiu as alturas”, retomando, a seu modo, o roteiro do poema “Castigo do orgulho”. Diferentemente de André Breton (1975, p. 41), que saudava Baudelaire como um precursor, “surrealista na moral”, no seu *Primeiro manifesto* de 1924, o poeta cubista, escrevendo em 1917, vê “interrompida” a influência de Baudelaire (2019, p. 622), considerando “o lado moral que nos fazia mal” dessa obra, seu “diletantismo pessimista de que não somos mais vítimas logradas”. Contudo, isso não o impede de afirmar que a liberdade ensejada pela imitação de Baudelaire é inesgotável: “O uso social da liberdade literária tornar-se-á cada vez mais raro e precioso. As grandes democracias do futuro serão pouco liberais para os escritores; é bom plantar bem alto poetas-bandeira como Baudelaire” (Baudelaire, 2019, p. 622).

---

11 Essa dupla influência é assim articulada por Apollinaire (2019, p. 620): “A prova da influência dos autores cínicos da Revolução sobre as *Flores do mal* encontra-se por toda parte em sua correspondência e em suas anotações. A de Edgard Poe fez com que o poeta se decidisse a adaptar ao lirismo estranhamente elevado que lhe fora revelado pelo maravilhoso bêbado de Baltimore os sentimentos morais que ele havia tirado de suas leituras proibidas”.

Em consonância com esse diagnóstico, vemos que, tal como em nossa história recente, quando o trabalho no campo das assim chamadas humanidades, que inclui a literatura e seus arredores, se depara com o retorno periódico de fluxos conservadores e com a desvalorização de seus resultados diante de uma noção de produtividade unilateralmente determinada a partir do ponto de vista da acumulação mais grosseira, a pertinência da proposta de Baudelaire sobre a energia, articulada através de imagens dialéticas com força de presente, se mostra “vasta” e “profunda”, para usar termos caros ao poeta das *Flores do mal*.

---

## REFERÊNCIAS

- ACQUISTO, Joseph; RICIERI, Francine F. W.; MENDES, Maria Lúcia D. Subjetividade e transcendência no último “O crepúsculo do entardecer”. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 42, n. 1, 2022, pp. 5-18. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8670115>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- APOLLINAIRE, Guillaume. Introdução [a uma edição mais antiga]. [Apêndice.] In: BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. e org. Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019, pp. 619-624.
- BATAILLE, Georges. *La Littérature et le mal*. In: *Œuvres complètes*. T. IX. Paris: Gallimard, 1979, pp. 171-316.
- BATAILLE, Georges. A parte maldita – precedida de A noção de dispêndio. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BARTHES, Roland. Les Sorties du texte. In: *Le Bruissement de la langue. Essais critique IV*. Paris: Éditions du Seuil, 1984, pp. 271-283.
- BAUDELAIRE, Charles. *Charles Baudelaire – poesia e prosa*. Ed. org. por Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. e org. Júlio Castañon Guimarães; apêndices de J. Barbey d’Aurevilly, Guillaume Apollinaire, Paul Valéry. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.
- BENJAMIN, Walter. *A origem do drama trágico alemão*. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- BRETON, André. *Manifestes du surréalisme*. Paris: Gallimard, 1975.
- GLENADEL, Paula. O “futuro Vigor” e o contemporâneo: aspectos da energia em Nathalie Quintane. *Outra travessia*, Florianópolis, n. 24, jan. 2019, pp. 5-17.



MORAES, Marcelo Jacques de. “*As flores do mal* e o fracasso do poema”. In: *O fracasso do poema*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017, pp. 17-26.

SCRAMIM, Susana. Poesia do presente ou a experiência do fazer-se coisa em “*As flores do mal*”, de Marcos Siscar. In: PEDROSA, Celia; ALVES, Ida (org.). *Subjetividades em devir: Estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, pp. 311-321.

SISCAR, Marcos. A dignidade e o ridículo da poesia: autoria, história e destinação em *Le Spleen de Paris*. *ALEA: Estudos Neolatinos*, v. 21, n. 2, mai-ago 2019, pp. 30-52.

Recebido: 8/8/2023

Aceito: 14/5/2024

Publicado: 9/9/2024